

Impulsividade



**Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper¹ nos fala sobre termos e mentalidades:
Impulsividade**

Original: educacion.press/2019/05/03/terminos-y-mentalidades-impulsividad/

A impulsividade geralmente é considerada na educação como um problema de aprendizagem; é por isso que se decide controlá-la: "Filho, aprenda a se controlar". Inclusive, desde os primeiros anos de vida, entende-se que os pais precisam regular o comportamento de seus filhos, para que estes aprendam a regulá-los sozinhos mais tarde. Por exemplo, um pai diz: "Filho, agora é hora de comer; você nem sempre pode fazer o que deseja; agora não é hora de jogar; controle seu mau humor; você poderá brincar mais tarde". A impulsividade é geralmente entendida como a força ou o conjunto de forças que direcionam a pessoa a atender às suas necessidades de forma pseudopulsional. E parece que, diante da impulsividade, a única coisa que pode ser feita é desenvolver a capacidade de autocontrole, para não ficar sujeito à tirania de satisfazer a necessidade aqui e agora e, portanto, ser capaz de estabelecer metas de mais longo

¹ Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.

alcance, dos quais não vemos os frutos, exceto depois de um certo tempo. Dessa maneira, essa criança aprenderá a ser um bom adulto, que sabe buscar bens de grande valor, mas distantes no tempo, sem se distrair de seu propósito pelas necessidades que vão se despertando e apresentando em seu caminho. Parece uma proposição lógica, não é?

Você pode ler o artigo sobre autocontrole para saber como a posição do UpToYou está longe dessa concepção. Mas agora, é conveniente se aprofundar no termo impulsividade, vendo o que está escondido por trás dele e qual seria a forma educativa de entender tal fenômeno, para ajudar a pessoa a crescer.

Como primeira afirmação, podemos dizer que a concepção subjacente à impulsividade é patológica, pois torna a pessoa um inimigo de si mesma, pois luta contra sua própria natureza e, além disso, torna a pessoa esquizofrênica, porque parece que está dividida em um saco de impulsos que, de forma inesperada, vão explodindo em seu interior. Para entender essa referência ao "saco de impulsos", leia os artigos sobre desejo - sensibilidade e instinto - pulsões.

Em UpToYou, pensamos que **não se trata de corrigir comportamentos, mas de desenvolver capacidades** e, além disso, **trata-se de educar para atuar desde o interior** ou, em outras palavras, um pouco mais complicado, **educar na consciência da autodeterminação**.

A ideia de “não corrigir comportamentos e sim desenvolver capacidades” foi tirada de Maria Montessori, que considerou a origem desses chamados “comportamentos disruptivos”. Ela se fazia estas e outras perguntas porque compreendia que o educador tinha que ser como um investigador da natureza da criança. Um investigador não manipula a natureza, pois se quer conhecê-la como é, deve deixar que esta possa expressar-se com naturalidade. Assim, ao conhecer a natureza da criança, sua mente, pode-se situar-se construtivamente, não buscando controlar nada, mas ajudando-a a desenvolver-se e crescer. Se hoje nós, educadores, nos esquecemos de perguntar o porquê das coisas, é porque acreditamos que sabemos tudo sem investigar e, por exemplo, chamamos o que poderia ser uma projeção pessoal, de mau comportamento ou má atitude. Ou seja, se nos comportamos assim, estaríamos nos comportando mal e mostramos uma atitude distorcida. Mas, por que temos que pensar que a maneira de entender o mundo do adulto é a maneira da criança acessar o mundo? Montessori propôs que esta falta de bom comportamento, deveria ser vista, não como algo que precisa ser corrigido, senão como um sinal de que existe uma capacidade a desenvolver.



Se uma criança faz barulho usando a cadeira, não é que ela queira fazer barulho. Não é que se trate de uma ação para corrigir, mas uma capacidade de se desenvolver.

Dito de outra forma, é necessário educar no “sim”, não no “não”, a não atuar. O "não fazer barulho" não tem sentido em si, porém é o efeito de "saber usar a cadeira". O controle da impulsividade busca assegurar o não. E isso é um grande erro. Não fazer barulho é um efeito e os efeitos surgem se os verdadeiros objetivos se alcançam. Confundir objetivos com efeitos é um erro frequente na educação. Quando nos concentramos em educar comportamentos, nos tornamos domadores de crianças, quando nos concentramos em desenvolver capacidades para colocá-las a serviço do encontro interpessoal, somos educadores. Você pai, mãe, professor ou professora, quem você quer ser?

Por esse motivo, nossa proposta é que essas faltas de controle do comportamento, que normalmente classificamos como sinais de que se tem cedido aos impulsos internos, em verdade, sejam conceituadas como simples erros daqueles que estão aprendendo. Suponho que todos admitam que não seja possível aprender sem erros e sem uma boa abordagem pedagógica para eles. Vamos dar um exemplo que, embora com limitações, possa nos ajudar a entender. Vamos pensar que alguém anda de bicicleta e cai. Não se trata de evitar a queda, mas de aprender a andar de bicicleta. De fato, quando você se concentra em não cair, você cai. No nosso caso, não se trata de evitar maus comportamentos (impulsividade); senão de desenvolver capacidades.

O que chamamos de mau comportamento, não é mau. Mau e bom são qualificadores morais. Estaríamos falando de mau comportamento, se estivéssemos falando de um comportamento perverso. Um comportamento, vamos chamá-lo de "disruptiva", para a psicologia do adulto, não passaria de um erro. A birra de uma criança porque ela não quer comer, mas brincar, é certamente disruptivo para a paz psicológica do adulto. Porém, também é para a criança uma surpresa e uma frustração de suas expectativas. Queremos que a criança sente e coma ou queremos que desenvolva a capacidade de viver a frustração de maneira construtiva? (Veja o termo frustração). O que propomos é que, se esse erroneamente chamado "mau comportamento" é realmente um erro, seria necessário dar o mesmo tratamento que outros tipos de erros, como $2 + 2 = 5$. Erro é a distância entre o que é proposto e a realidade, e a frustração é o mesmo, mas em um nível psicológico, a distância entre o que é esperado e o que é encontrado. O que se faz com o 5? Alguns riscam e colocam 4. Mas, dessa maneira, a criança não aprendeu a somar, simplesmente aprendeu uma associação. Quer que ela aprenda o 4 ou que aprenda a somar? Sua intenção mudará a maneira como você interage com a criança. Pedagogicamente falando, sabemos que é necessário saber por que se pôs esse 5. O 5

precisa ser compreendido, e não corrigido. Um comportamento disruptivo necessita ser compreendido, e não corrigido. Porém, se o 5 é mau ou o comportamento é mau, quem estudará algo mau? O mau só precisa ser removido.

Quanto tempo tem que esperar para que uma pessoa conheça que o 5 é um erro? Quais são os tempos de aprendizado para uma criança? E, no caso de comportamentos, quanto tempo uma criança precisa para entender a frustração ou compreender o que está acontecendo nesse comportamento? Creio que não me equivoco se digo que somos mais pacientes para que a criança compreenda o 5 do que para a criança compreender o que está acontecendo em sua interioridade. Mas acredito também que todos nós aceitaremos que é mais complicado conhecer as dinâmicas interiores do que conhecer um 5. De onde vem tanta urgência em adquirir um comportamento quanto antes? É uma necessidade de desenvolvimento da criança ou é a necessidade da busca pela paz psicológica do educador?

Vale a pena dar-se conta de que não estou dizendo que esse comportamento disruptivo não deva ser atendido, pois seria o mesmo que não prestar atenção ao 5. É tão prejudicial remover o 5 quanto deixá-lo estar. É tão prejudicial reprimir o comportamento quanto aprovar qualquer comportamento. Não se trata nem de reprimir, nem de deixar fluir, trata-se de compreender e remeter a pessoa à sua interioridade e que, a partir dali, ela atue. E quanto tempo isso requer? Bem, eu não sei, porém, certamente, muito mais do que nossa paz psicológica está disposta a esperar.

Além disso, ao deixar o comportamento fluir ou reprimi-lo, ensinamos o mesmo à criança: "Você é um saco de impulsos, não é uma pessoa". Se a criança tem o que quer ou se é o adulto que consegue impor sua vontade, se está ensinando o mesmo. Estamos dizendo que a pessoa é um saco de impulsos. **Kohut** é um psicanalista muito interessante que mostrou isso com detalhe. Ao educar a criança, estamos dizendo a ela, acima de tudo, quem ou o que ela é. Se é um saco de impulsos, é um "o quê"; se é uma pessoa, é um "quem".

McAdams, um renomado psicólogo, diz que, se deixarmos sair nosso interior, viveremos no caos, porém se o reprimirmos, viveremos na miséria. Infelizmente, ele propõe que vale a pena a miséria como um "mal a pagar" para evitar um mal maior que seria o caos. É uma pena, mas McAdams não conhece outra alternativa.

O que propomos em UpToYou é que, quando alguns desses comportamentos aparecem, não tentemos reprimi-los ou deixá-los fluir, senão que os tomemos como ponto de partida crescer no autoconhecimento. Nunca faremos isso se estivermos obcecados em

remover esses comportamentos. Vou comentar uma frase difícil de aceitar: a violência não deve ser corrigida, tem que ser compreendida. Quanto tempo requer para compreender por que se vive de uma determinada forma? E uma vez compreendido, o que vale a pena propor? Quando compreende seu comportamento, uma pessoa descobre a complexidade de sua própria realidade e história pessoal. A pessoa fez uma viagem desde seu exterior (comportamento) para seu interior (sua própria intimidade). A pessoa é o ser que existe graças às relações de intimidade com outras pessoas. É por isso que, quando encaminhamos a pessoa para sua interioridade, é quando ela precisa decidir que tipo de relação quer ter com as outras pessoas. Isto é **atuar desde o interior**. Todavia, ao fazer isso, a pessoa se dá conta que há algo mais importante do que desenvolver uma capacidade (como Montessori já indicou). Trata-se de decidir quem quero ser em minhas relações com os demais. Foi por isso que dissemos que, ao atuar desde o interior, a pessoa vive um **processo de autodeterminação**, pois, ao decidir o que fazer, estou decidindo em verdade quem ser. Porém, se já é difícil, para a pessoa, situar-se desde o interior e referir-se à interioridade, quanto tempo mais supõe para que essa pessoa aprenda atuar desde sua interioridade e não meramente atendendo a urgências ou cobrindo necessidades?

Não queremos promover a repreensão ou a educação no capricho, mas ajudar a pessoa a atuar humanamente, desde seu interior, mobilizando todos os seus recursos e transformando este mundo.

Assim, pois quando você perceber que seu filho ou aluno tem um comportamento que você considera disruptivo, em vez de tentar corrigir o comportamento, é melhor perguntar-se que capacidade vale a pena desenvolver? Além disso, **o objetivo a ser alcançado nunca será um comportamento, nem o mero desenvolvimento de uma capacidade, e sim que o educando vá determinando uma forma de ser melhor em suas relações, a propósito de fazer a tarefa que seja**. Se você pedir ao seu filho para arrumar o quarto e a criança, devido ao atuar que chamamos de impulsivo, deixa tudo pior do que estava, não diga a ela o que não deve fazer, nem o que tem que fazer. Mas pergunte-se: Como vou interagir com meu filho para melhorar nossa relação pessoal em relação à arrumação do quarto?